

ANGICO SEMENTE: CRIANDO UMA ARTE-VIVEIRO NA MATA BRANCA

ANGICO SEED: CREATING AN ART VIVARIUM IN THE WHITE FOREST

Autor: Maria Eduarda Nery da Fonseca Belém

Coautor: Oriana Maria Duarte de Araújo

RESUMO

O artigo apresenta reflexão sobre processo artístico, fruto da pesquisa poética-etnográfica desenvolvida no “Projeto Mata Branca” realizado no distrito de Carneiros, região do sertão de Pernambuco (2022). Lançando foco sobre fala presente no acontecimento registrado na obra de vídeo proposta como *minidoc-poema*, o discernimento ocorre sob uma perspectiva etnológica que considera a relação multiespécies a luz de textos de Coccia (2018), Danowiscky e Viveiros de Castro (2017) e Mancuso (2019), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE

Ecologia. Etnografia. Processo artístico. Pesquisa poética. Relação interespecie.

ABSTRACT

The article presents a reflection on the artistic process, the result of poetic-ethnographic research developed in the “Projeto Mata Branca” carried out in the district of Carneiros, in the semi-arid region of Pernambuco (2022). Focusing on the speech present in a event recorded in video proposed as an art work, a mini-doc-poem, the discernment occurs from an ethnological perspective that considers the multispecies relationship in the light of texts by Coccia (2018), Danowiscky and Viveiros de Castro (2017) and Mancuso (2019), among others.

KEYWORDS

Ecology. Ethnography. Artistic process. Poetic research. Interspecies relationship.

Localizando a mata

Por isso, é com certo sentimento de urgência que procuro a natureza, o sujeito, as palavras da outra estória, a estória não contada, a estória da vida. (Le Guin, 2021, p.21)

Em fevereiro de 2020 cheguei pela primeira vez ao distrito de Carneiros, em Buíque, cidade do semi-árido pernambucano, distante cerca de 280 km de onde habito - a capital Recife (Imagem 1). Fui levada por uma pesquisa de campo de viés etnobotânico, que tinha por objetivo fornecer subsídios para a produção de uma

série de estampas sobre plantas de uso medicinal e ritualístico no Estado. O projeto, incentivado pelo Fundo Pernambucano de Cultura (Funcultura), chamava-se Plantas Mágicas de Pernambuco¹.

O destino final da viagem de pesquisa era o Parque Nacional do Catimbau², localizado numa área de transição entre o Agreste e o Sertão, mais especificamente, em uma casa nas cercanias do sítio arqueológico pré-histórico Alcobaça. Em busca de histórias de gentes e plantas, passei alguns dias conversando com pessoas da comunidade local, percorrendo trilhas, matos e terreiros das casas de moradores, descobrindo os modos de ali estar.

A primeira pessoa que conheci na comunidade de Alcobaça foi Denda. Morador descendente quilombola que, entre as lidas da terra e dos bichos, fazia as vezes de caseiro do amigo que havia oferecido estadia durante os dias que lá fiquei. Simpático, de conversa fácil e aprumada, foi com quem primeiro “assuntei”³ sobre o tema da minha pesquisa de então. Na manhã seguinte, conheci também Dona Lia, sua companheira, de olhos miúdos e doces que foi satisfazendo minha curiosidade de pouquinho a partir das ramas do pé de jerimum que ladeava o terraço da casa. Desde então, não mais parei de ir ao Sítio Alcobaça, no Vale do Catimbau.

Depois dessa primeira estadia, por conta da pandemia de Covid 19, demorei a voltar, mas, passados pouco mais de sete meses, em outubro do mesmo ano, regressei com amigos para uma missão: encontrar um terreno para comprar, pois nesse canto do mundo passei a depositar os meus mais queridos sonhos. Aos poucos, fui criando laços com o lugar e, em especial, com Denda e Dona Lia, estabeleci uma relação mais próxima, chegando a várias vezes alugar uma casa que tinham em seu terreiro para períodos de estadia, pois na comunidade de Alcobaça, no distrito de Carneiros, ainda não há disponibilidade de hospedagem comercial, sendo a hospedagem na casa dos moradores a única alternativa.

Mulher nascida em cidade de beira-mar, fui tomada de encanto pelo semi-árido, sua paisagem de terra seca, de céu estrelado, de sol intenso e inclemente, de chuva forte e rara (Imagem 2). Me afeiçoei também aos tempos diferentes, criados por fazeres alheios a minha rotina de cidade e vividos pelas gentes de lá, da mata branca. Em Alcobaça, como se diz em música, encontrei meu contraponto⁴.

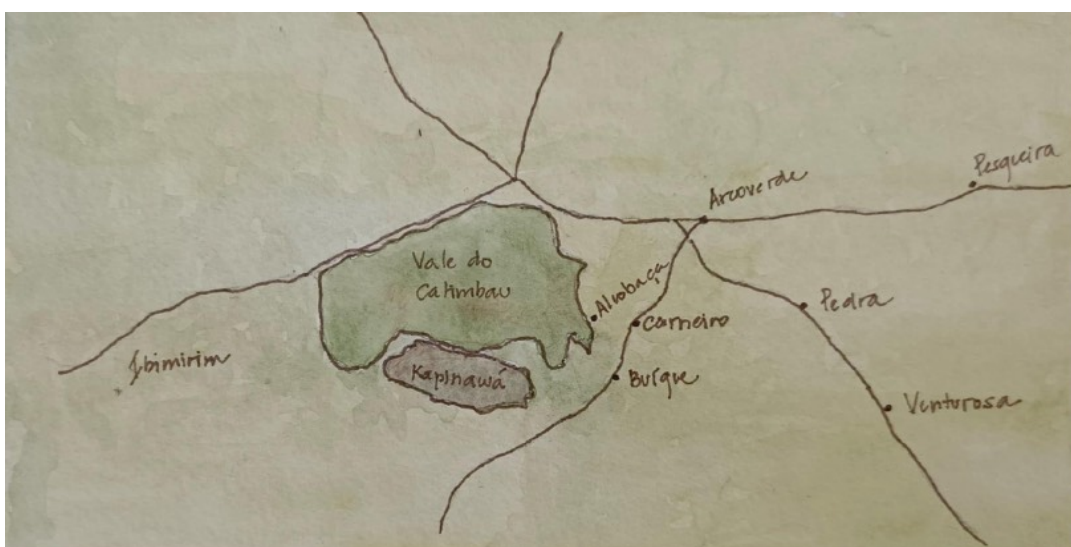


Imagem 1. Acima apresenta a localização no mapa do estado de Pernambuco com destaque de distância da região ao litoral onde vivo na capital Recife. Abaixo se vê detalhe de mapa da região do estado de Pernambuco onde localiza-se o Vale do Catimbau.

No início de 2022 comecei a trabalhar em um novo projeto artístico, dessa vez com incentivo federal da Lei Aldir Blanc, o “Mata Branca”, cuja proposta seria realizar uma série de minidoc-poemas audiovisuais sobre o viver na caatinga. Assim, com o objetivo de fazer captação de material para o projeto, realizei entre os meses de janeiro e abril uma série de pequenas viagens a Alcobaça. O nome do projeto teve

sua origem na tradução para o português da palavra “caatinga”, que segundo Navarro (2015) é originária do tupi-guarani “mata branca”.



Imagem 2. Paisagem da região a partir de vista do terreno onde realizo minhas investigações.

Já quanto ao que nomeio “minidoc-poemas”, são obras audiovisuais de curta duração que fundem elementos de documentário com narrativas poéticas sonoras e imagéticas. Trata-se de uma linguagem que a princípio desenvolvi na busca de suprir a demanda das exposições em plataformas de redes sociais. Com o tempo, passei a vivenciar o ritmo da sua execução de modo a tratá-la como ferramenta etnográfica, ou seja, como um caderno de bordo cujas importantes anotações feita no chão seco lançava à deriva do espaço virtual.

Durante todo o processo de captação, a pesquisa poética-etnográfica do Mata Branca foi tomada por vários momentos sensíveis, tantos dos quais frutos do encontro do olhar com o acaso. Partia de uma metodologia de trabalho simples, que compreendia registrar em vídeo momentos constitutivos do cotidiano do lugar - ouvia conversas, observava paisagens e quintais, caminhava entre trilhas e mato (Imagem 3), e nunca só, sempre com vida por perto. A partir deste material, com meus ouvidos, olhos e sensações, elegi trechos do acontecido e compus uma narrativa

poética em torno de 10 vídeos de curtíssima duração: um minuto - a duração máxima permitida na época para vídeos no feed do Instagram, plataforma de suporte do projeto. Aqui, me ateno a um deles, feito na companhia de Denda, em meio a uma caminhada pela Mata Branca em tempos de verde.



Imagem 3. Trilha em meio à vegetação da Mata Branca em Alcobaça.

Denda e a árvore da terra

Em uma manhã de sol saí para caminhar com Denda, por uma área onde ocorria um reecatingamento espontâneo localizada ao sopé do Morro do Chapéu (Imagem 4). Cabe aqui explicar que “reecatingamento” é o processo de recuperação do bioma da Caatinga. Neste caso, colocado como espontâneo pois ocorrido sem interferência da ação humana no processo. Assim, enquanto andávamos em meio à esta vegetação, conversávamos sobre as plantas e árvores ao redor da trilha, eu ia gravando partes do nosso passeio, das nossas conversas, com o meu celular. O excerto desta incursão que foi colhido e deu origem a um dos poemas audiovisuais, aconteceu ao passarmos ao lado de um pequeno angico que começava a ganhar corpo (sobre a espécie da planta anjico, em momento oportuno do texto, dado a sua importância nesta vivência, serão trazidas informações das suas especificidades), pois foi olhando para o anjico que Denda falou:

“Seu Fernando comprou (um terreno) e trouxe uns tantos desses aí para plantar (aponta para o pequeno angico). **Mas a árvore daqui é a da terra.** Ela tem a árvore que você planta e ela cresce. Tem outra, que para mudar... se nós arrancar um pé de Angico desse não tem como ele mudar, porque ele já nasceu, ele já é para ficar nesse canto aí sabe?”



Imagem 4. Denda e o pequeno angico no sopé do Morro do Chapéu

Quantas questões são tocadas numa fala tão breve. Denda, descendente quilombola, trabalhador do campo, da terra, expressa seu saber com a segurança de quem aprende vivendo. Afirmar que a Terra tem uma vontade, que determina o que quer que nela nasça e cresça, e que, por outro lado, a árvore sabe onde quer ficar e crescer, é sem dúvida um entendimento dado que extrapola as lógicas biológicas assentadas nas ditas ciências naturais modernas.

Podemos disto, dizer que a fala de Denda avança em direção ao perspectivismo ameríndio apresentado por Danowski e Viveiros de Castro, quando referindo-se mais especificamente aos índios amazônicos, afirma:

O que chamaríamos de mundo natural, ou “mundo” em geral, é para os povos amazônicos uma multiplicidade de multiplicidades intrincadamente conectadas. As espécies animais e outras são concebidas como outros tantos tipos de “gentes” ou “povos”, isto é, como entidades políticas. (Danowski e Viveiros de Castro, 2017, p. 97)

Entidades políticas têm vontade própria e desempenham papel ativo em uma sociedade. A terra tal qual dita por Denda é um “ser-território” dotado de vontade e *locus* onde estas entidades políticas se relacionam. Nesta lógica, inversa ao entendimento do “excepcionalismo humano”⁵, o que torna as árvores entidades políticas não é o fato delas serem donas da terra - ocorre justo o contrário, **elas são da terra** e é isso que as confere esse status. Para os povos originários ser de um território e, portanto, ser uma entidade política a ele referente, envolve um entendimento de posse reversa em relação aquele que é tido pelos brancos, cujo caráter como ente político é dado pelo fato de possuir, tal como bem afirma Kopenawa e Albert (2015), “a fixação dos Brancos na relação de propriedade e na forma-mercadoria. Eles são “*apaixonados*” pelas mercadorias as quais seu pensamento permanece completamente “*aprisionado*”. Neste sentido, aqui cabe uma reflexão sobre a minha própria atitude, que instrumentalizada por recursos e entendimentos próprios da minha cultura, usei como estratégia de garantir minha inserção no território a compra de um terreno. Um momento sobre a qual pretendo, em ocasião futura, refletir e tecer considerações a respeito.

Se vistos como seres que, apesar de imóveis têm capacidade decisória sobre onde nascer e crescer, as árvores são dotadas de uma ciência/consciência única. Francis Hallé, botânico e biólogo francês especialista em árvores, no seu livro “A vida das árvores” as apresenta como seres autônomos, os maiores de todo sistema vivo da terra e os mais longevos:

“O recorde atual - digo precisamente, “atual” porque tenho certeza de que um dia será ultrapassado - é de 43 mil anos e pertence a uma árvore da Tasmânia, grande ilha ao sul do continente australiano, que é chamado Azevinho Real da Tasmânia. Quarenta e três mil anos correspondem ao Pleistoceno, que precedeu nossa era geológica atual. Nessa época, não existia uma única espécie humana como hoje, e sim duas: a nossa, *Homo sapiens*, e o homem de Neandertal, bem mais forte. Toda a história de nossa evolução biológica cabe na vida de uma árvore.” (Hallé, 2022, p.19)

Como poderia um ser que pode crescer e viver tanto não possuir sabedoria? Neste sentido, Stefano Mancuso em seu livro “Revolução das plantas” nos apresenta diversas habilidades que elas possuem, desde simbioses mutualistas que desenvolvem com outras espécies e processos de mimese com outras plantas, até recursos comunicacionais químicos como o objetivo de protegerem-se de ameaça externas. Apesar de encará-las de uma forma um tanto mais mecanicista ele é taxativo quanto à superioridade delas como modelo de ser vivente:

Acredito que há muitas boas razões para imitar o reino vegetal. As plantas consomem pouca energia, fazem movimentos passivos, são “construídas” em módulos, são robustas, têm uma inteligência distribuída (em oposição à dos animais, que é centralizada), comportam-se como colônias. Quando quiser projetar algo robusto, energeticamente sustentável e adaptável a um ambiente em contínua modificação, não há nada melhor na Terra para se inspirar. (Mancuso, 2022, pg.29)

Contudo, mais que pensar árvores e plantas como seres funcionalmente perfeitos, ou mesmo entes objetivamente políticos, nos interessa aqui transitar por saberes que tratem estas questões como parte de um todo maior que avance para o sensível incorporando outras ontologias. Tratem, portanto, de falar das sementes.

A semente do angico

O angico é uma árvore com porte mediano de crescimento rápido, que chega atingir até 15m de altura. Sua casca é grossa, muito rugosa e pode começar a florir e frutificar a partir do terceiro ano de idade. As suas cascas e sementes, ricas em taninos e outras substâncias produzidas pelo seu metabolismo secundário, são também largamente utilizadas de maneira medicinal. Sua madeira, resistente, é utilizada na construção civil e na confecção de mobiliário, além de ser usada como carvão.

Denda conhece todos esses usos do angico, e a sua maneira, também infere a existência do angico como um ente político. Assim, gostaríamos de fazer enxergar a sua semente como potência deste ser vivo capaz de escolher o seu quando e onde, tal como evoca a sensível percepção de “uma virada vegetal” proposta por Emanuele Coccia:

É ao engendrar a si mesma que a semente (logo, a planta) pode ver o mundo. A visão de si e a visão do mundo se coincidem, e toda a planta é precisamente a invenção de um corpo que permite fazer coincidir a contemplação do mundo. (Coccia, 2018, p.17)

Ainda Coccia, em seu prefácio ao livro do antropólogo Bruce Albert e o líder yanomami Davi Kopenawa, *O espírito da floresta* (2023), considera:

Os autores dos ensaios reunidos neste volume tiveram um papel considerável nessa lenta e imperceptível metamorfose que está transformando a ecologia numa nova etnografia pós-antropológica que não distingue e já não consegue distinguir aos povos humanos e as populações não humanas. (Coccia in Albert, 2023, p.13)

Minha pesquisa artística e acadêmica transita no lugar dessa ecologia transformada em uma etnografia pós antropológica. Neste sentido, opero a tessitura entre prática artística e teorias de caráter transdisciplinar ciente de que *“a produção acadêmica do século XX levando adiante a presunção do humano moderno, conspirou contra a nossa habilidade de notar projetos divergentes, sobrepostos e conjuntos que tecem mundos (Tsing, 2021, pg. 67)”*. Assim, meu fazer arte é como procuro conhecer e circular por novos mundos, em especial os habitados pela humanidade das plantas. Aqui, entendendo o conceito de humanidade de maneira amplificada, qual posta pelo perspectivo ameríndio de Viveiros de Castro:

“A etnografia da América indígena contém um tesouro de referências a uma teoria cosmopolítica que imagina um universo povoado por diferentes tipos de agências ou agentes subjetivos, humanos como não humanos - os deuses, os animais, os mortos, as plantas, os fenômenos meteorológicos, muitas vezes também os objetos e os artefatos -, todos providos de um mesmo conjunto básico de disposições perceptivas, apetitivas e cognitivas, ou, em poucas palavras, de “alma” semelhante.” (Viveiros de Castro, 2021, p.43)

Também, hoje entendo o processo do Mata Branca como uma prática, da “arte de notar”, qual proposta por Anna Tsing (2022) no primeiro capítulo do seu livro “O cogumelo do fim do mundo”:

“Somos contaminados por nossos encontros; eles transformam o que somos a medida em que abrimos espaço para os outros. Ao mesmo tempo que a contaminação transforma projetos de criação de mundos, outros mundos compartilhados - e novas direções - podem surgir. Nós carregamos uma história de contaminação, a pureza não é uma opção.” (Tsing, 2022, pg.73)

Além de notar, de aterrar e criar relações que possam ser articuladas, agenciadas, através da arte em um espaço - quero criar um território de experimentação a ser

vivido. No Catimbau plantei semente para fazer brotar um dos meus sonhos. Acordada, quero construir um viveiro enquanto experiência de outros mundos possíveis:

“Se o multiverso for introduzido e as ciências naturais forem re-situadas dentro dele, será enfim possível permitir que outros coletivos cessem de ser culturas e tenham acesso pleno a realidade, deixando-os compor, usando outras chaves, outros modos de extensão que aquele único admitido pela produção de conhecimento (científico).” (Viveiros de Castro, 2021, p.128)

Referencias

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. *O espírito da floresta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

DANOWSKI, Deborah, VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. - 2.ed. Desterro [Florianópolis]: Cultura e Barbárie: Instituto Ambiental, 2017.

COCCIA, Emanuele. *A virada vegetal*. São Paulo: N-1, 2018.

HALLES, Francis. *A vida das árvores*. São Paulo: Editora Olhares, 2022.

LE GUIN, Úrsula. *A Teoria da Bolsa na Ficção*. São Paulo: N-1 Edições, 2021.

MANCUSO, Stefano. *Revolução das plantas: o novo modelo para o futuro*. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

TSING, Anna Lowenhaupt. *o cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. São Paulo: N-1 Edições, 2022

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Ubu editora e N-1 Edições, 2021.

NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Dicionário tupi antigo: a língua indígena clássica do Brasil: vocabulário português-tupi e dicionário tupi-português, tupinismos no português do Brasil, etimologias de topônimos e antropônimos de origem tupi**. . São Paulo: Global. . Acesso em: 05 maio 2024. , 2015

Notas

¹ O Plantas Mágicas de Pernambuco é um projeto que contemplou a criação de série de estampas que tiveram como tema as plantas medicinais e de uso ritualístico encontradas no estado de Pernambuco. Premiado pelo Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (Funcultura, 2018) - principal mecanismo de fomento e difusão da produção cultural do Estado de Pernambuco -, teve seus resultados expostos no ano de 2021. Link para o catálogo: <https://issuu.com/plantasmagicaspe/docs/catalogo-plantas-magicas>

² Criado em 2002, o Parque Nacional do Catimbau, também conhecido como Vale do Catimbau, é uma unidade de conservação federal localizada no estado de Pernambuco, com área total de 62.300 hectares. Abrangendo os municípios de Buíque, Ibimirim, e Tupanatinga - entre o Agreste e o Sertão pernambucanos, é o segundo maior parque arqueológico do Brasil e uma das últimas áreas remanescentes do bioma Caatinga, um ecossistema exclusivo do semiárido brasileiro.

³ O termo coloquial foi escolhido ao invés do verbo “conversar” porque buscamos trazer para o meu relato o tom de fala do território sobre o qual estou falando, a língua como operada na região.

⁴ Como dito por Livio Tragtenberg em seu livro Contraponto - A Arte de Compor (1994): “O contraponto procura sistematizar a combinação dos diversos elementos da ideia musical. A partir dele, a harmonia ganha temporalidade e ritmo. A música se constrói, se levanta. É através da condução das linhas melódicas que ritmo, harmonia e forma se tornam realidade.”

⁵ “Aquilo que Kant chamou de sua “revolução copernicana” é, como se sabe, a origem oficial da concepção moderna do Homem (guardemos a forma masculina) como poder constituinte, legislador autônomo e soberano da natureza, único ente capaz de elevar-se para além da ordem fenomenal da casualidade que seu próprio entendimento condiciona: o “excepcionalismo humano” é um autêntico *estado de exceção ontológico*, fundado na separação autofundante entre Natureza e História.”(Danowitsky e Castro, 2017, p. 47)